

LEIBNIZ: AS LÍNGUAS E AS NAÇÕES

Hudson Canuto⁴¹³

Resumo: Para Leibniz, as línguas todas parecem ter procedido de alguma língua muito antiga, já perdida ou, pelo menos, muito modificada e corrompida por conta de fatores sejam internos ou externos que influíram sobre ela. Dessa modificação ou corrupção originam-se as línguas modernas. Para além da consideração de qual poderia ter sido a língua mais próxima àquela original, deve-se focar no fato de que na conexão das línguas vê-se patentemente a conexão das nações. Isso faria ver que os povos, europeus pelo menos, teriam uma origem comum.

Palavras-chave: Monogenismo; Diferenciação; Conexão das línguas; Conexão das nações.

Introdução

Leibniz não é um defensor, em sua época, daquela proverbial origem hebraica de todas as línguas de que partiam os que interpretavam a narrativa da *Torre de Babel*, segundo a qual «A terra inteira utilizava a mesma língua e as mesmas palavras»⁴¹⁴. Os intérpretes tanto aqueles judeus quanto aqueles cristãos partem de um pressuposto axiomático de que a língua adâmica teria sido a hebraica. Leibniz contesta isso nos **Novos Ensaios sobre o entendimento humano** (doravante **NE**) e em várias cartas, supondo ter havido algo muito mais anterior à língua dos hebreus, uma vez que esta mesma já estivesse muito modificada e alterada segundo afirma nos **NE**. Não encampa nosso filósofo uma campanha pelo monogenismo linguístico, mas tentará mudar o berço das línguas, oferecendo-lhe outra genealogia.

As relações entre as pessoas pelo comércio foram fazendo que as línguas se fossem misturando e alterando. Além disso, há também a questão da geografia, do convívio social, das descobertas e dos reveses humanos que fazem que as línguas se vão diferindo à medida que se afastam.

⁴¹³ Hudson Canuto é professor de Língua Portuguesa, História da Língua Portuguesa e Fonética e Fonologia do Português no Instituto Federal de Alagoas; é mestre em filosofia pela Universidade Federal de Sergipe e membro do Grupo de Estudos sobre Filosofia da Linguagem da Universidade Federal de Sergipe (GEFILUFS).

⁴¹⁴ Gênesis XI,1 [Todas as citações bíblicas serão extraídas da Bíblia TEB, 3.^a ed., Loyola, 2020, quando for usada outra será isso indicado em rodapé.]

A tentativa de remontar à mítica língua primitiva, ainda que não seja um trabalho que se possa levar efetivamente a cabo; pode, contudo, ser feito buscando-se as conexões que há entre as línguas para poder reconhecer que há também maior fraternidade entre as nações do que o que se possa imaginar.

Não pretende este ensaio ser exaustivamente abrangente, pois que o que aqui se ventila são apenas considerações iniciais para um estudo mais acurado que pretendemos fazer mais adiante. No entanto, é o *status quo* daquilo que foi possível compilar sobre o tema e que reflexões surgiram a esse respeito.

A língua original ou aquela mais perto dela

Apesar daquilo que era corrente entre os estudiosos da época leibniziana, a saber, que o hebraico teria sido a língua primitiva, partindo do pressuposto de que as narrativas contidas nas Sagradas Letras fossem elas também documentações históricas, se não comprováveis, pelo menos prováveis; Leibniz ventila a possibilidade de que a língua primitiva ou adâmica tivesse sido uma outra diversa daquela hebraica.

Quando nosso filósofo considera o hebreu como possível língua primitiva, conclui muito secamente que «se o hebraico ou o árabe chegam mais perto disso [de ser a língua radical e primitiva], ela deve estar no mínimo bem alterada»⁴¹⁵. A sentença é condicional, mas não parece que Leibniz endosse de modo algum o mais minimamente que seja a ideia de que o hebraico poderia ter sido alguma vez a língua primitiva. Como o afirmou Nef: «O que Leibniz recusa categoricamente é, pois, a ideia tão difundida de uma monogênese hebraica», mas sem excluir «totalmente a possibilidade de uma monogênese radical»⁴¹⁶. A busca dessa língua primitiva ocupará o trabalho de pesquisa dele por vários anos, engendrando vários textos sobre a questão e qual hipótese se apresenta para resolver a problemática da língua primeva.

Nos NE, Leibniz afirma que seja o comércio, sejam as migrações dos povos causam alterações nas línguas, mas afirma que «não há nada nisso que combata e que não favoreça preferivelmente a opinião da origem comum de todas as nações, e de uma língua radical e primitiva»⁴¹⁷.

⁴¹⁵ NE, III, 2, § 1, *in*: PIAUÍ, 2019, p. 54.

⁴¹⁶ NEF, 1995, p. 113.

⁴¹⁷ PIAUÍ, *loc. cit.*

É sobre essa língua radical e primitiva que aparentemente Leibniz não teria muito interesse que seria a causa das conexões entre as nações, que levará Frédéric Nef a afirmar que Leibniz «não pense que a língua adâmica possa ser atestada ou reconstruída, ou pior, identificada (ao hebraico, ao grego, ao alemão...))»⁴¹⁸. Sabe-se e, aliás, é algo perceptível, que as línguas possuem diferenças muito grandes, mas essas devem-se mais às migrações e ao comércio do que à existência de várias línguas primevas na gênese mesma da comunidade humana.

Conquanto pudesse parecer que Leibniz não tivesse interesse algum em definir qual tivesse sido a língua primigênia, e, de fato, ele afirma que é impossível reconstruí-la ou atribuir o papel de língua original ao hebraico, no entanto, podemos ver que ele se esforça por sugerir (quase como se fosse algo já certo e definido) que é possível, contudo, chegar a uma língua que pode, sem qualquer problema, ser considerada como aquela que mais conserva da língua primitiva. Nos NE, diz: «parece que o teutão tenha mais preservado do natural»⁴¹⁹. Mais adiante, afirma diretamente «que a língua germânica pode passar por primitiva». A razão por que Leibniz afirma isso está dispersa em vários lugares de sua obra, mas parece-nos muito marcante o que ele diz na *Dissertatio de stilo philosophico Nizolii*, quando afirma que «ela é mais completa e perfeita de termos reais»⁴²⁰.

A professora Olga Pombo nos apresenta três razões por que o alemão é superior às outras línguas:

Da análise deste texto parece-nos poderem retirar-se as seguintes conclusões. Em primeiro lugar, as vantagens do alemão como língua filosófica residem, segundo Leibniz, em determinadas características do vocabulário. (POMBO, 1997, p. 179) Em segundo lugar, as características lexicais que, segundo Leibniz, fazem da língua alemã a mais adequada ao trabalho filosófico podem reduzir-se a uma única – a abundância de **termos reais** ou concretos, isto é, de termos que mantêm uma imediata relação com a realidade empírica. (*Id.* p. 180) Tanto na *Dissertatio de stylo philosophico Nizolii* como nos *Nouveaux Essais*, Leibniz salientava a superioridade da língua alemã atribuindo-a, no primeiro caso, à concreção do seu vocabulário, no segundo, à sua antiguidade e naturalidade. Tanto num caso como no outro, é o carácter popular da língua alemã que pode explicar essas vantagens – a língua alemã é para Leibniz uma criação popular. (*Id.* p. 187)

Em resumo temos, pois, o seguinte quanto às razões de o alemão poder ser considerada superior às demais:

⁴¹⁸ NEF, *loc. cit.*

⁴¹⁹ NE, III, 2, §1, in PIAUÍ, *op. cit.*, p. 54.

⁴²⁰ § 13, publicada em *O Manguézal – Revista de Filosofia* – v.2, n. 9, jan. – jun. 2021, ISSN: 2674-7278, p. 70. Confira em: <https://periodicos.ufs.br/omanguenzal/article/view/20671/15419>. Consulta em: 18/10/2022.

- 1.^a riqueza de termos reais;
- 2.^a pobreza de expressão de ficções;
- 3.^a incapacidade de assimilar o latim [bárbaro].⁴²¹

Para Leibniz, teria havido uma língua celto-cita, talvez bem mais ampla a abrangência linguística do que teria tido o indo-europeu, que estaria na base das línguas, conforme assevera nos **NE** que as «línguas vêm todas de uma fonte e podem ser consideradas como alterações de uma mesma língua, a qual poderia ser denominada **céltica**»⁴²².

Com isso, acreditamos ter deixado bem claro o que Leibniz pensava do hebraico como língua primitiva e por que o alemão estaria bem mais próximo dessa língua primitiva.

Conexão das línguas e das nações

Para Leibniz, as línguas são o fundamento primordial para tentar achar a origem das nações. No entanto, em suas correspondências com Hermann von der Hardt, este levanta uma questão interessante; segundo ele, em carta de 15/25 de maio de 1696, «a harmonia das línguas [...] enquanto exista o mundo, não será possível estabelecê-la»⁴²³. Para H. v. d. Hardt, de fato, «necessariamente as línguas se diversificaram por causa da distância dos lugares e pela diferença do ar e do clima. Antes do dilúvio mosaico, considero que fosse possível ouvir no mundo não menos línguas do que hoje»⁴²⁴. Sendo tantas as línguas havidas antes do dilúvio e, conseqüentemente, perdidas com esse evento catastrófico, línguas que muito provavelmente não deixaram vestígios, por suposição da falta de *documentos* escritos, o autor da missiva vê um obstáculo à pretensão de nosso filósofo em estabelecer a harmonia dos povos a partir da harmonia das línguas.

Isso introduzia a resposta que deu sobre a questão se seria possível considerar o hebraico como língua primitiva, que Leibniz, em 12 de maio de 1696, lhe perguntou:

Por favor, dá-me teu julgamento a propósito da língua hebraica. Não consigo convencer-me de que ela [possa] ser a primitiva, vendo como os significados das raízes sejam tão pouco coerentes entre eles; como resulta suficientemente que são fragmentos e transformações de uma outra língua ou de outras línguas.⁴²⁵

⁴²¹ POMBO, 1997, *cf.* pp. 178-9.

⁴²² **NE**, III, 2, § 1, *in*: PIAUÍ, *op. cit.*, p. 53.

⁴²³ LEIBNIZ, 1995, p. 145: «*l'armonia delle lingue [...] finché eisterà il mondo, essa non sarà data*» [tradução nossa].

⁴²⁴ *Id.*, *ibid.*

⁴²⁵ *Id.*, p. 144.

Ao que Leibniz responde, dizendo que, apesar disso, «é útil estabelecer um confronto»⁴²⁶, porquanto deve haver alguns *elementos comuns* aos gregos, latinos, germanos e também aos hebreus e aos citas. É desse estabelecimento que será de proveito para explicar as origens das gentes.

Partindo sempre da hipótese celto-cita, Leibniz, na *Brevis designatio* e também na *De origine Francorum*⁴²⁷, mostrará como a migração de um povo se operou e que traços deixou nos lugares onde estanciou.

Fazendo a identificação de celtas e alemães⁴²⁸, dará azo para que as línguas todas sejam de uma mesma família: a celto-cítica, pois os citas seriam a origem dos celtas, germanos e gauleses; dos latinos e gregos e celtiberos (espanhóis e portugueses)⁴²⁹.

Se é verdade, como o diz François Jacob, em seu *A lógica da vida*, que «todos os organismos, passados, presentes e futuros, **descendem de um só**»⁴³⁰, é de se deduzir também que todos os povos e nações descendem de uma só. Leibniz parte, como se pôde ver deste texto e dos mais sobre esse argumento, da tese de que as nações todas são filhas da grande nação germânica e que a língua desta está na base e fundamento, ainda que só *in germine*, de todas as línguas europeias, para reduzirmos muito os argumentos de nosso filósofo que tanto tempo e esforços dedicou ao estudo dessa questão e dos artificios que uso para tentar desvendá-la.⁴³¹

Referência bibliográficas

PIAÚÍ, William de Siqueira (org.). **Leibniz e a Linguagem I**: línguas naturais, etimologias e história. Curitiba: Kotter Editorial, 2019.

LEIBNIZ, G. W. **Ensaio de Teodiceia**: sobre a bondade de Deus, a liberdade do homem e a origem do mal. Trad.: W. da S. Piauí & J. C. Silva. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

⁴²⁶ *Id.*, p. 146.

⁴²⁷ Ambos os textos foram inteiramente traduzidos e publicados na coletânea **Leibniz e a linguagem I**, obra de vários autores e organizados sob a tutela de William Piauí. Veja as Referências bibliográficas no fim deste artigo.

⁴²⁸ Vejam-se **Carta de Leibniz a Lasarvendeld de 7 de abril de 1699** (PIAÚÍ, 2019, p. 34); NE III, 2 § 1 (*Id.* p. 53); **Brevis** p. 11 (*Id.*, p. 109).

⁴²⁹ LEIBNIZ, **Brevis**, p. 11-12 (*Id.* p. 111-2).

⁴³⁰ JACOB 1985, p. 23, grifo nosso.

⁴³¹ Para uma consideração sobre essa harmonia, além dos textos contidos em PIAÚÍ: **Leibniz e a linguagem I**, recomendamos vivamente o estudo do artigo *Leibniz e Darwin: uma introdução* (v. p. 237-271).

_____, **L'armonia delle lingue**: testi scelti introdotti e commentati da Stefano Gensini. Roma: Laterza, 1995.

DE BUZON, Frédéric. **Leibniz étymologie et origine des nations**. In: Revue Française d'Histoire des Idées Politiques, 2012/2 n.º 36, pp. 383-400. Artigo também disponível em linha no endereço: <https://www.cairn.info/revue-francaise-d-histoire-des-idees-politiques1-2012-2-page-383.htm>, consultado no dia: 1/11/2021. Uma tradução deste artigo está feita ao português e está no prelo.

NEF, Frédéric. **A linguagem**: uma abordagem filosófica. Trad.: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

POMBO, Olga. **Leibniz e o problema de uma língua universal**. Lisboa: J.N.I.C.T., 1997.

O Manguenzal – Revista de Filosofia – v.2, n. 9, jan. – jun. 2021, ISSN: 2674-7278.

JACOB, François. **A lógica da vida**. Trad.: J. J. Serrano e M. J. Palmeirim. Lisboa: Dom Quixote, 1985.